

ânfora

> A peça

Fragmento de bordo e parte superior de asa de ânfora feita em cerâmica. O bordo tem um ligeiro espessamento externo. A asa conserva no topo o ombro anguloso que termina em bisel e, na parte inferior, o arranque dos dois cilindros que, unidos pela face interna, se ligavam à pança da peça.

A pasta é depurada com poucos elementos não plásticos de pequena dimensão. A superfície tem uma coloração mais amarelada que o cerne da parede. A peça tem algum rolamento por se ter encontrado submersa durante quase dois milénios.

As ânforas deste tipo foram fabricadas entre a segunda metade do séc. I d.C. e a segunda metade do séc. II d.C.



Fragmento BPLX – ANF 4

✓ O grupo

Arqueologicamente, o termo ânfora designa um conjunto alargado de contentores cerâmicos de transporte alimentar cuja principal característica se encontra na presença de duas asas opostas na parte superior das peças. Nelas o bocal tende a ser estreito e o corpo, que na maior parte dos casos é alongado, também pode ser globular.

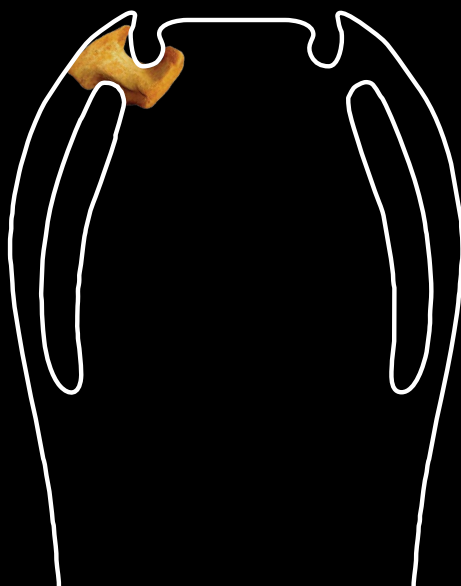
Na Antiguidade, as ânforas transportaram vinho, azeite e outros produtos alimentares como conservas de peixe, estando as várias formas geralmente associadas a produtos específicos, daí a sua classificação como vinícolas ou oleícolas. Ligadas ao comércio marítimo são recorrentes em naufrágios de época romana ou em contextos portuários.

Estes objetos apresentam variações consoante a época e o local onde foram fabricados, permitindo a sua análise tipológica determinar os circuitos de produção e distribuição dos diversos produtos alimentares que continham.

As ânforas da categoria Agora M54 devem o seu nome ao facto de terem sido identificadas nas escavações da ágora de Atenas e têm uma forma muito particular, onde se destaca a quebra na pança e as asas angulosas. Maioritariamente um contentor vinário, nalgumas situações poderão ter sido utilizados no transporte de frutos.

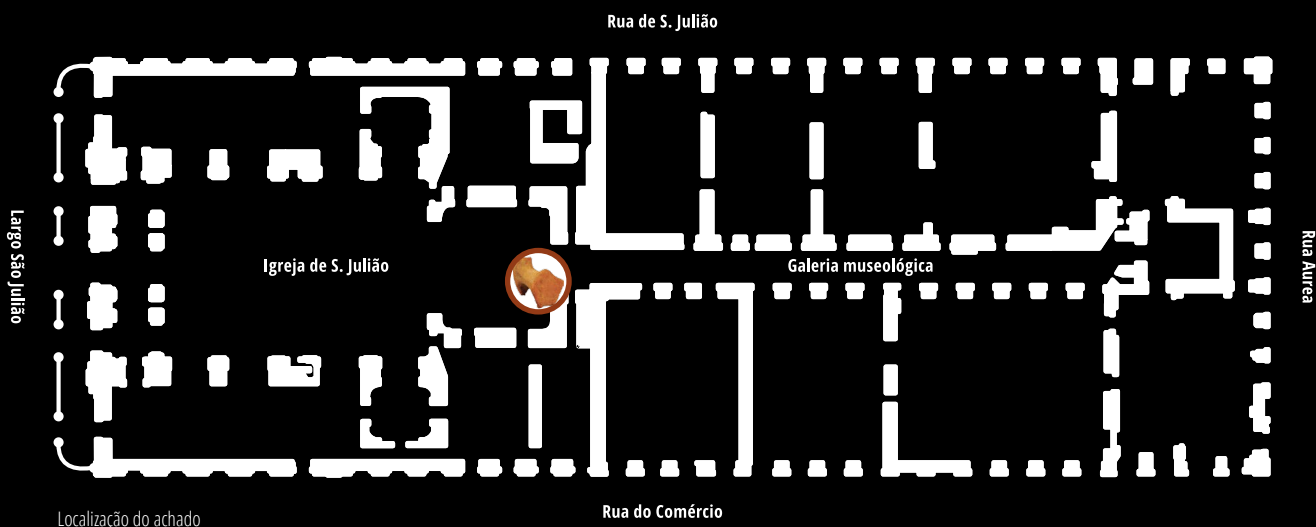
Não se trata de um tipo de ânfora muito comum, tendo sido fabricado no Mediterrâneo Oriental, na Cilícia, nas costas da atual Turquia, e talvez em Chipre.

A sua dispersão registou-se sobretudo na metade oriental do Império Romano – Grécia, Turquia, Líbano, Egipto, embora sem concentrações significativas. Em Portugal tem escassas ocorrências tais como Sellium (Tomar) ou Torre d' Ares (Tavira).



Reconstituições 3D | © Illusive





Localização do achado

^ O achado

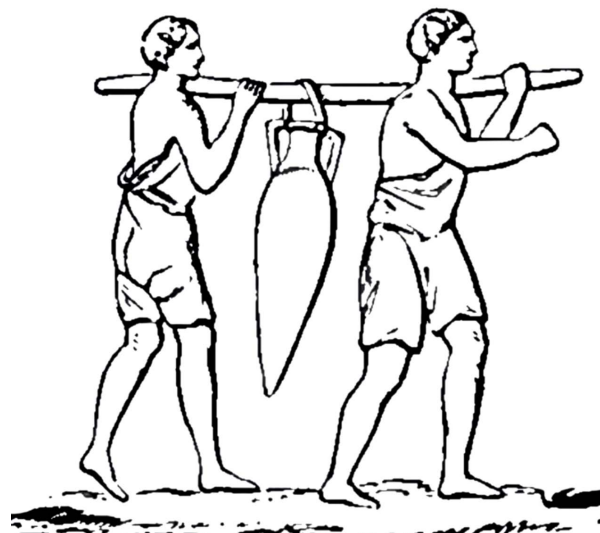
Esta peça foi recolhida nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados sob o deambulatório da Igreja de São Julião, no local onde atualmente se inicia a galeria museológica, perto dos 5 metros de profundidade. Estas camadas depositaram-se maioritariamente entre os séculos I a IV d.C., em época romana Imperial, contendo muitos materiais associados à atividade marítima, incluindo importações de cerâmica como esta ânfora.

✓ Outras informações

A presença de um artefacto produzido no Mediterrâneo oriental comprova a grande extensão das redes comerciais romanas e a plena integração da cidade de Lisboa nesses circuitos. Nas escavações do Edifício Sede do Banco de Portugal foram recuperados mais de 30 fragmentos fabricados naquela região, com especial destaque para as produções da ilha de Rodés.



Carregamento de ânforas – mosaico romano de Tebessa, Norte de África | in GRACE, V. (1979) – *Amphoras and the ancient Wine trade. Excavations of the Athenian Agora. Picture Book*, 6. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, p. 31.



Transporte manual de ânforas | in RICH, A; CHÉRUÉL, A. (1873) – *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques. Accompagné de 2000 gravures d'après l'antique représentant tous les objets de divers usages d'art et d'industrie des Grecs et des Romains*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie, p. 28.